

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**O APAGAMENTO DO OBJETO DIRETO NO PB SOB A ÓTICA DA
LINGUÍSTICA COGNITIVA DE CONTATO**

AMANDA SOUZA SANTOS RODRIGUES

Rio de Janeiro
2020/01

FOLHA DE ROSTO

AMANDA SOUZA SANTOS RODRIGUES

**O APAGAMENTO DO OBJETO DIRETO NO PB SOB A ÓTICA DA
LINGUÍSTICA COGNITIVA DE CONTATO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/ Inglês.

Orientador: Maria Lúcia Leitão de Almeida

Rio de Janeiro
2020

RODRIGUES, Amanda Souza Santos

O apagamento do objeto direto no PB sob a ótica da Linguística Cognitiva de Contato / Amanda Souza Santos Rodrigues. – 2020.

36 f.

Orientador: Maria Lúcia Leitão de Almeida.

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Inglês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 33-35.

1. Vernáculos. 2. Linguística Cognitiva. 3. Bantuísmo. 4. Linguística Cognitiva de Contato I. RODRIGUES/ Amanda Souza Santos II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras (2020) III. Título

CDD:

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, de quem vem toda boa dádiva; por sua misericórdia, eu tive saúde e forças para superar todos os momentos difíceis com que eu me deparei ao longo da minha graduação. Por sua graça, hoje posso agradecer às pessoas que Ele colocou no meu caminho.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Maria Lúcia Leitão de Almeida, pela confiança depositada em meu trabalho, pela significativa contribuição na minha carreira acadêmica, pelo direcionamento em meus projetos e por me incentivar a percorrer o caminho da pesquisa científica. Agradeço também à Profa. Dra. Rosângela Gomes Ferreira pela leitura crítica desta monografia.

Aos queridos Camille Pezzino e Jorge Lisboa, que admiro pessoal e profissionalmente: muito obrigada por todos os ensinamentos, pelo apoio nesse e em outros projetos, bem como pela paciência e presteza de sempre.

Aos meus pais, Israel e Simone, que me deram suporte em todos os níveis imagináveis; por cada pequeno e grande gesto de cuidado e amor desde o princípio dessa jornada. Também por sempre acreditarem em mim, muito obrigada! Nunca serei capaz de retribuir tudo o que fizeram por mim.

Aos meus irmãos, André e Bruno, muito obrigada pela compreensão, carinho e amizade ao longo de todo esse período.

Agradeço às minhas tias, Viviane e Luciane, pela injeção de ânimo e disponibilidade quando precisei.

Ao meu namorado, Daniel, muito obrigada por cada palavra de otimismo, pela paciência, apoio nos momentos difíceis e pelo interesse em cada etapa dessa empreitada.

Agradeço também a Ana Clara, Isabelle, Nathalia, e Lycia pela compreensão das eventuais ausências por conta de compromissos acadêmicos e pela amizade em todos os momentos.

Dedico a todos com quem convivi ao longo desses anos de curso, os quais me incentivaram, oraram por mim e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica e pessoal.

RESUMO

Este trabalho explora a possibilidade da influência das línguas bantas na realização do apagamento do objeto direto no português. Tal hipótese se justifica pela presença desse aspecto tanto português brasileiro como nas línguas bantas, também se deve ao fato de que houve contato entre os falantes pertencentes ao grupo étnico bantu e os falantes de português no Brasil do século XIX, considerando o processo escravocrata em solo nacional. O objeto é investigado por meio de revisão teórica sobre o apagamento do OD nas línguas bantas e no PB e analisado a partir dos dispositivos teóricos providos pela Linguística Cognitiva de Contato e a Gramática Cognitiva. Além disso, foi realizada uma pesquisa qualitativa das ocorrências do fenômeno no Vale do Paraíba, *corpus* de região que, segundo dados históricos, recebeu grande número de escravos da etnia bantu. Na análise inicial, foi possível encontrar exemplos do apagamento do OD, tais dados convergiram com o período de fluxo intenso na importação de escravos no século XIX. Esses achados constituem possíveis evidências de um processo de entricheiramento envolvendo as referidas línguas.

Palavras Chave: Vernáculos; Linguística Cognitiva; Bantuísmo; Linguística Cognitiva de Contato.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
JUSTIFICATIVA.....	8
OBJETIVO.....	9
OBJETO DE ESTUDO.....	10
METODOLOGIA.....	10
DESENVOLVIMENTO.....	13
CAPÍTULO I: A LINGUÍSTICA COGNITIVA E A TEORIA DE CONTATO.....	13
CAPÍTULO II: O TRANSPORTE DAS LÍNGUAS BANTAS DA ÁFRICA AO BRASIL.....	18
OBJETO NULO NAS LÍNGUAS BANTAS.....	19
OBJETO NULO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	23
ANÁLISE DE DADOS.....	26
RESULTADOS.....	30
CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXOS.....	36

INTRODUÇÃO

Segundo Geeraerts (2011, p. 333), “Se a língua molda e reflete a experiência humana, então, a língua é tão histórica quanto a experiência; enquanto uma parte da experiência humana é universal e biologicamente específica da espécie, a outra parte é histórica e cultural.” (tradução nossa)¹. Assim, entende-se a língua e a experiência humana como conceitos entrelaçados.

Da mesma forma, é possível dizer a respeito da própria experiência de ser humano — parcialmente homogênea, devido às propriedades intrínsecas do *Homo sapiens*; parcialmente heterogênea, por conta das particularidades de cada comunidade e seus componentes. Ao dizer isso, afirma-se que a língua tem alguns aspectos compartilhados universalmente e outros próprios de cada comunidade de fala.

Isso diz respeito às peculiaridades históricas e culturais de cada idioma, do povo que molda e, ao mesmo tempo, é moldado por sua língua. Dentre os diversos fatores que contribuem para a construção de uma identidade linguística, figura-se a situação de contato entre povos, línguas e também das cognições envolvidas nesse processo capaz de causar variação e mudança.

O percurso da língua portuguesa trazida ao Brasil no processo de colonização até os dias atuais, em que há o reconhecimento de um português brasileiro, foi marcado por contribuições de diversos povos. Os portugueses, ao se instalarem, encontraram os índios que já habitavam o território; o povo africano foi somado a esses, por conta da importação de escravos para a execução de serviços na colônia. Sendo assim, as três bases da população da época eram o Português, o Índio, e o Negro (TEYSSIER, 1994).

Considerando o contato dos contingentes populacionais, os falantes de bantu trazidos ao Brasil e os habitantes dessa terra, miscigenação linguístico-cultural decorrida das infelizes circunstâncias escravistas, suscitou-se a questão: poderia ter havido um partilhamento linguístico-cognitivo motivado pela situação em questão? A partir desse questionamento primário, surgem outros, tais como: em quais contextos há tendência ao apagamento do objeto direto? A motivação para essa omissão é de origem pragmática ou discursiva?

A presente monografia foi desenvolvida a partir de um projeto de iniciação científica que integra a linha de pesquisa “A Influência das Línguas Bantas no Português Brasileiro sob

¹ If language both shapes and reflects human experience, then language is as historical as that experience: while part of the human experience is universal and biologically species-specific, another part is historical and cultural.

a Ótica da Linguística Cognitiva”, desenvolvida pelo Grupo de Estudos Semânticos do Português (GESP/UFRJ/CNPq). Este trabalho se propõe a investigar a possibilidade de reflexos de bantuísmos na estrutura do português brasileiro, mais especificamente no que tange ao apagamento opcional do objeto direto, o qual ocorre tanto em nossa língua como em algumas línguas bantas. No entanto, o trajeto percorrido por esse trabalho tem como ponto de vista teórico a Linguística Cognitiva de Contato, que provê uma nova rota para o tratamento desse fenômeno.

Por que seria importante investigar a possibilidade de contribuições de línguas africanas no português brasileiro? A resposta para essa questão, retoma o que foi encontrado durante a investigação, pautada no estudo da gramática das línguas bantas, na qual foi possível identificar um processo de apagamento de argumentos na posição de objeto semelhante ao que figura nas produções orais de nossa língua. Assim, a pergunta deve ser respondida pela sua necessidade: porque os estudos africanistas são de suma importância, não só para a linguística, mas para a compreensão da sociedade como a conhecemos.

Slenes (2010, p. 29) destaca a importância dos estudos africanistas:

Primeiro, da mesma forma como a África e a história da diáspora negra deveriam ocupar um lugar privilegiado nos programas brasileiros em ciências sociais e humanas, os pesquisadores e professores negros deveriam ter uma presença de destaque na criação e transmissão de novos conhecimentos nessa área. Segundo, como a capacidade de empatia com o “outro” e de imaginação crítica é algo inerente à condição humana, os negros deveriam ocupar o lugar a que têm direito, dado o seu peso demográfico, em todas as áreas do conhecimento[...]. Trata-se, sem dúvida, de uma questão de direitos sociais; mas aqui quero frisar que também é uma questão de política científica, ou seja, de um projeto visando a maior aproximação entre as preocupações dos pesquisadores na área das humanas (de fato, em todas as áreas) e as preocupações dos cidadãos.

De fato, o estudo a partir de perspectivas “periféricas” é sempre de grande relevância para que os que são sistematicamente silenciados tenham voz. A língua do dominador era a que importava à época, bem como seus falantes nativos, o que gerou consequências como a redução brutal das línguas indígenas e o extermínio de registros e falantes originários da África, que aqui estiveram.

Todavia, embora reconheçamos a relevante parcela de acréscimos de origem indígena ao que hoje conhecemos como português brasileiro, e a importância de sua investigação para a compreensão da trajetória da língua, o foco deste trabalho é direcionado ao contato entre línguas bantas e a língua portuguesa por uma questão de recorte metodológico. Além disso, priorizamos aqui o aporte africano, que tem sido grandemente negligenciado, o que acarretou “prejuízo do negro na formação da nacionalidade brasileira” (MENDONÇA, 2012, p. 79).

O presente trabalho é organizado da seguinte maneira: a parte introdutória traz pontos que justificam o desenvolvimento desta monografia, seguidos dos objetivos pretendidos, de uma introdução ao objeto investigado e da exposição da metodologia adotada. Em seguida, introduziremos e posicionaremos os dispositivos selecionados no que diz respeito ao quadro teórico da Linguística Cognitiva de Contato. Após esse panorama teórico, faremos a contextualização histórica referente à trajetória das línguas bantas até o português brasileiro contemporâneo, enquanto, na sequência, descreveremos o apagamento do objeto direto nas línguas bantas e no português brasileiro. Por fim, acrescentaremos a análise dos dados encontrados e apresentaremos as considerações finais do trabalho.

JUSTIFICATIVA

Consoante à Langacker (1994, p. 27), língua e cultura constituem-se facetas da cognição. Contudo, essa percepção não nega, tampouco reduz, a ação da interação social e do contexto na manutenção, interpretação e adaptação contínua dessas funções cognitivas. De maneira oposta, constata-se que uma parcela essencial e decisiva da cognição em curso decorre da apreensão do contexto físico, social, cultural e linguístico. Considerando esse princípio, este trabalho propõe que a faceta linguística do português brasileiro foi alterada por conta da inserção de contributos bantos em um domínio mais esquemático.

O panorama histórico da formação do Brasil tem como um de seus pontos de destaque um número massivo de africanos transportados forçadamente para o Brasil devido ao regime escravista, quando seus dominadores tentaram desprovê-los de qualquer humanidade ou individualidade cultural. Assim, a desvalorização do povo africano, bem como de seu legado na formação do Brasil e do português brasileiro, tem sido perpetuada desde o período imperial, diminuindo a contribuição e a presença desses imigrantes que foram retirados de sua pátria para servir à ganância do povo português.

Pode-se entender como reflexo desse desprezo em relação aos escravizados a falta de mais estudos referentes ao impacto da vinda do povo africano ao Brasil, mais especificamente no que tange à construção da língua formada no país. Felizmente, mais pesquisadores têm voltado sua atenção para os efeitos da diáspora africana na língua brasileira, e esta produção pretende se juntar a outros trabalhos que lançam luz sobre a relevância desse contato interlinguístico e cognitivo na formação do português que falamos hoje, que “é brasileiro

porque não é negro-africano nem lusitano, e sim o que resulta desse encontro. (MAGALHÃES, 2018, p.32).

De acordo com Slenes (2010, p. 24), as universidades comprometidas com pesquisas relevantes devem dar destaque à África, principalmente, no âmbito das ciências sociais e humanas. No contexto brasileiro, nas palavras do autor, essa perspectiva se traduz da seguinte maneira: “em universidades que já desafiaram as ideias vindas do “Norte” — em particular no que diz respeito ao conhecimento sobre o Brasil e a América Latina — urge agora aprofundar o diálogo com os novos estudos africanistas”.

Além disso, a compreensão e o estudo das práticas linguísticas associados a um diálogo com o conhecimento de outras áreas, como tentamos fazer aqui com a área histórica, é de grande importância, pois, de acordo com Mufwene (2018c, p. 387), colaborações como essa, permitem compreender melhor “[...] como as línguas e seus falantes/signatários são afetados pelas políticas de idiomas, bem como as línguas são moldadas pela história e, portanto, também podem fornecer evidências histórico-culturais de uma população” (tradução nossa).²

Dessa forma, este trabalho se justifica pelo contato entre os falantes pertencentes ao grupo étnico bantu e os falantes de português no Brasil do século XIX, que acreditamos ter, além de outros impactos, impulsionado o fenômeno do apagamento do objeto direto devido à presença desse mesmo fator na sintaxe banta (BEARTH, 2006).

Ademais, essa investigação traz um enfoque para uma parte importante da formação e da identidade da nação brasileira. Além de investigarmos o apagamento de objetos diretos, vamos contra o apagamento da história e do valor a que os falantes de línguas bantas foram submetidos historicamente, desde sua terra natal até o local em que viveram a situação de inferioridade na condição de escravizados.

OBJETIVO

Este projeto tem como objetivo verificar a possibilidade da influência das línguas bantas no processo de apagamento do objeto direto no português. Para tanto, pretende-se, nessa monografia, levantar evidências que corroborem a hipótese do contato. Considerando a viabilidade da hipótese diacrônica do contato, torna-se possível o caminho para uma pesquisa

² [...] how language practice influences politics, how languages and their speakers/signers are affected by language policies, and how languages are shaped by history and thus can also provide evidence of the cultural history of a population.

histórica, social e linguística posterior e mais ampla.

Então, como proposta, analisaremos a factibilidade da hipótese do contato e seu presumível efeito no apagamento do objeto direto na modalidade falada do português brasileiro. Nesse momento, foi selecionado como *corpus* a produção linguística da região que historicamente apresenta contribuição africana comprovada: a região do Vale do Paraíba, a qual concentrou grande parte do substrato dos africanos trazidos em condições de servidão no século XIX.

Essa monografia pretende, também, contribuir para o quadro teórico de contato linguístico e cognitivo, bem como para alavancar as teorias emergentes que tratam da formação de nossa língua, considerando os bantuísmos. Com isso, avolumamos os estudos que abordam os africanismos de modo a evidenciar a relevância dessa área.

OBJETO DE ESTUDO

Apesar da relevante contribuição de outras línguas ser perceptível e incontestável do ponto de vista lexical, evidenciada pelas numerosas entradas de vocabulário de línguas africanas e indígenas no repertório do PB, não há um consenso em relação ao papel dessas no âmbito gramatical do português brasileiro (AVELAR; GALVES, 2014, p. 242). Portanto, nosso objeto de estudo pode ser mais um acréscimo a essa linha de investigação, considerando possível que o contato possa ter impactado a sintaxe brasileira.

O objeto a ser investigado nessa pesquisa é o fenômeno do apagamento do objeto referente a verbos que demandam transitividade direta, fator esse que pode ser observado tanto no funcionamento sintático da língua portuguesa quanto no de línguas bantas. Desse modo, estamos observando principalmente o nível estrutural da língua portuguesa cultivada e empregada no Brasil.

Como já foi dito, o fenômeno do apagamento de objeto direto se apresenta na sintaxe banta, como demonstrado por Thomas Bearth, no capítulo de sua autoria, em *The Bantu Languages* (2006). A seção contém uma síntese do funcionamento da estrutura argumental de “verbos simples e não-derivados em bantu”, que trata, dentre outras possibilidades argumentais, do apagamento do objeto direto.

METODOLOGIA

Como aporte teórico para as relações entre línguas bantas e o PB, utilizou-se o estudo descritivo de línguas bantas elaborado por Nurse e Philippson (2006) e o artigo científico a respeito da sintaxe das línguas bantas de Van der Wal (2015); para a observação da teoria sobre o fenômeno no português, foram consultados os trabalhos de Cavalcante e Figueiredo (2009) e Cyrino (1994). Os dados históricos referentes à diáspora africana, no que tange a formação da língua brasileira, são providos por Almeida (2014) e Lucchesi (2009). Consta, como base hipotética, a hipótese de cognições em contato elaboradas por Langacker (1994) e Leitão de Almeida (2018), autores que tem sua abordagem amparada pela Linguística Cognitiva. Dessa forma, usou-se como recurso o uso teórico da Gramática Cognitiva, elaborada por Langacker (2008) e, também, a Linguística Cognitiva de Contato por Zenner, Backus e Winter-Froemel (2019), Onysko (2019) e Boas e Höder (2018). Além disso, trabalhamos Grice (1975), utilizando as máximas conversacionais. Não menos importante, foram os trabalhos de Avelar e Galves (2014), Mendonça (2012) e Peter (2015), os quais lançam luz sobre a relação linguística entre línguas provenientes da África e do português brasileiro em sua formação.

Para a discussão do objeto desse trabalho, foi feita uma análise qualitativa inicial a partir de uma base de dados em fase de construção. Dentre as fontes a serem incluídas na elaboração dessa base, está o Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita³. Será verificada a ocorrência de apagamento de objetos diretos nos depoimentos orais de informantes de Juiz de Fora.

Esse método para obtenção de dados foi escolhido por conta da impossibilidade da análise de dados originais de fala da época. Entretanto, o local de onde as falas foram coletadas integra o Vale do Paraíba, região que recebeu muitos escravizados devido à expansão da economia cafeeira, como aponta Lucchesi (2009, p. 65), cujo afirma que “os escravos de línguas bantas importados pelo Rio de Janeiro eram vendidos para as grandes fazendas de café do Vale do Rio Paraíba e, em menor número, para as emergentes lavouras cafeeiras do interior paulista”. Portanto, as produções orais que integram as entrevistas que compõem o corpus provavelmente carregam contribuições deixadas pelos representantes do povo banto que viviam na área.

Por meio dessa análise, pretendemos não somente buscar evidências da produtividade do fenômeno na região, o que poderia indicar a viabilidade da hipótese do contato, mas

³ Disponível em: https://discursoegramatica.files.wordpress.com/2016/02/juiz_de_fora.pdf

também investigar a hipótese apresentada por Nurse e Philippson (2006), em que a máxima griceana de quantidade é apontada como motivadora do apagamento nas línguas bantas, embora, nesse trabalho, tal hipótese seja investigada e focada no português brasileiro. Assim, também será considerada a possível atuação de princípios pragmáticos em nossas análises do *corpus* brasileiro, observando se a ocorrência em questão tem motivação discursiva anafórica, ou seja, se a omissão do objeto se dá por conta da possível recuperação do referente pelo contexto anterior do discurso ou se o apagamento se deu apenas para que não ocorresse violação das máximas conversacionais.

CAPÍTULO I: A LINGUÍSTICA COGNITIVA E A TEORIA DE CONTATO

A abordagem eleita para a observação do fenômeno destacado no decorrer deste trabalho é a Linguística Cognitiva de Contato. O conceito, como o próprio nome sugere, resulta da combinação dos paradigmas teóricos da Linguística Cognitiva e da Linguística de Contato, propondo a aplicação de pressupostos e ferramentas subsumidos pela Linguística Cognitiva à análise do contato entre línguas, bem como das mudanças e variações decorrentes dessa interação.

Algumas razões motivam a escolha dos pressupostos da Linguística Cognitiva como suporte teórico para a investigação do apagamento de objeto, o qual, aqui, é hipoteticamente admitido como resultante de contato linguístico. Primeiramente, a combinação dos paradigmas referidos acima vem sendo desenvolvida há pouco tempo; assim, uma análise da marca sintática sob uma nova perspectiva pode trazer apontamentos que contribuam para o desenvolvimento da pesquisa nesse campo.

Além dessa, há diversas razões que justificam o uso do arcabouço teórico da Linguística Cognitiva em estudos acerca de contato linguístico. Advogando em favor de mais estudos que considerem essa nova vertente, Advogando em favor de mais estudos que considerem essa nova vertente, Zenner et ali. (2019), reunindo estudos na área, traz como um dos seus argumentos o aumento da produção científica em Linguística Cognitiva de Contato. Ressaltando que:

Se dizemos que a estrutura linguística emerge do uso da língua, então o uso da língua é o que devemos estudar para compreender a estrutura linguística. E, se entendemos que o mais comum é que o uso da língua seja caracterizado pelo contato entre línguas [...], então variação e mudança induzidas pelo contato deveriam estar no centro das atenções.⁴

Embora heterogênea em relação às posições teóricas que engloba, a Linguística Cognitiva tem como um de seus fundamentos mais generalizados, o seu modelo baseado no

⁴ If language structure is said to emerge from language use, then language use is what we should study to understand language structure. And if we appreciate that language use is more often than not characterized by contact between languages [...], then contact-induced variation and change should be at the center of attention. ZENNER et ali. Cognitive Contact Linguistics. Placing usage, meaning and mind at the core of contact-induced variation and change. Mouton de Gruyter, 2019, p. 3.

uso (ZENNER; BACKUS; WINTER-FROEMEL, 2019, p.3). Entretanto, muitos dos estudos vinculados à Linguística Cognitiva parecem não considerar o papel do contato entre línguas, a despeito das diversas alterações causadas por tais eventos na maioria, se não em todos os idiomas e seus usos, dada “a onipresença do contato em praticamente todas as línguas”⁵ (ONYSKO, 2018, p. 24).

Essa incoerência estabelece um dos principais argumentos para a emergência de produções científicas, estas deveriam associar os dispositivos providos pela Linguística Cognitiva à pesquisa no campo do contato. O estudo da língua em uso pode ser de grande valia para o estudo de contato linguístico, pois essa abordagem permite a percepção de alterações que remanescem como um eco das diversas vozes componentes de uma língua, sejam essas interações atuais ou passadas. Ao mesmo tempo, considerar o contato nos estudos desenvolvidos em Linguística Cognitiva permite uma visão mais clara dos fatores que convergiram para que determinados pontos tenham sido alterados na língua investigada. A adoção desse paradigma permite um tratamento mais inclusivo dos fenômenos relativos ao contato.

Dentre as proposições abarcadas pela Linguística Cognitiva para o estudo e a compreensão do sistema que caracteriza os usos de determinada língua, lançamos mão da Gramática Cognitiva, modelo de linguagem desenvolvido por Ronald Langacker. Esse modelo recebe esse nome porque propõe a percepção da língua não como produto de um módulo especializado para a linguagem, mas como o resultado de mecanismos e processos cognitivos gerais (EVANS; GREEN, 2006, p. 114).

O princípio básico da GC é que nada além de estruturas simbólicas precisa ser suscitado para uma caracterização adequada de expressões complexas e os padrões por elas instanciados. Mais especificamente: o léxico e a gramática formam uma gradação constituída exclusivamente por conjuntos de estruturas simbólicas.⁶

Uma estrutura simbólica é dada como um construto bipolar: de um lado, o polo semântico e, do outro, o fonológico. A obra define o símbolo como “o emparelhamento entre uma estrutura semântica e uma estrutura fonológica, de modo que uma seja capaz de evocar a

⁵The omnipresence of contact in virtually every language.

⁶The basic tenet of CG is that nothing beyond symbolic structures need be invoked for the proper characterization of complex expressions and the patterns they instantiate. More specifically: lexicon and grammar form a gradation consisting solely in assemblies of symbolic structure. LANGACKER, R. W. Cognitive Grammar: A Basic Introduction. New York: Oxford University Press. 2008, p.5.

outra.” (LANGACKER, 2008, p.5). Cabe acrescentar que o autor inclui sons, gestos e representações ortográficas no polo fonológico.

A Gramática Cognitiva preconiza que sintaxe, léxico e fonologia, por exemplo, embora possam ser definidos e diferenciados entre si, são recortes que se sobrepõem. Assim, de acordo com o que é proposto pelo linguista, embora estudos focados em cada área possam ser desenvolvidos, não é possível demarcar fronteiras claras entre esses territórios, visto que a configuração e integração de tais enfoques é dada de maneira gradiente (LANGACKER, 2008, p. 6). Quando as unidades em questão são mais esquemáticas, por exemplo, essas correspondem ao que tradicionalmente é rotulado como gramática. (LANGACKER, 2009, p.2)

Um dos pontos principais da Linguística Cognitiva é que esta apresenta a gramática como competência indissociável de tantas outras pertencentes ao ser humano, já que outros processos — tais como mecanismos de atenção ou categorização —reverberam na estrutura da língua (ALMEIDA; PINHEIRO; SOUZA et ali, 2009, p. 16). Sendo assim, fatores que a priori podem não ser associados à formação de um sistema linguístico e às suas constantes mudanças, não são desconsiderados por essa escola.

Um dos fenômenos básicos recrutados pela linguagem é a automatização, presente em muitas outras facetas da cognição, o que ilustra a integração dos dispositivos cognitivos envolvidos na língua e a não modularidade da competência linguística. O processo é o que possibilita o domínio dos mais diversos conhecimentos, visto que após a repetição ou treino de determinada tarefa, por exemplo, chega-se ao ponto em que sua execução é praticamente automática, com um nível mínimo de monitoramento consciente.

Esse princípio é observável também no âmbito linguístico. Usando a terminologia provida pela Gramática Cognitiva, “uma estrutura passa por entrincheiramento progressivo e, eventualmente, torna-se uma unidade estabelecida.” (LANGACKER, 2008, p.16). Entretanto, cabe destacar que a repetição exaustiva de determinado fone, vocábulo ou estrutura sintática não basta para que os falantes de uma língua integrem esse item ao seu repertório. Para que seja aceita como unidade, a estrutura precisa cumprir as exigências do requisito de conteúdo. Esse requerimento determina que:

[...] os únicos elementos atribuíveis a um sistema linguístico são (i) estruturas semânticas, fonológicas e simbólicas que realmente ocorrem como parte de

expressões; (ii) esquematizações de estruturas permitidas; e (iii) categorizar relações entre estruturas permitidas.⁷

Portanto, o que é sugerido aqui é que, contanto que haja compatibilidade entre a construção — isto é, uma expressão (de qualquer tamanho) ou um esquema abstraído de expressões a fim de capturar sua convergência (em qualquer nível de especificidade) — e os requisitos propostos pelo requerimento supracitado, esta pode ser entricheirada no âmbito psicológico e passar a ser convencional em determinada comunidade de fala, adquirindo, então, o estatuto de unidade linguística. (LANGACKER, 2009, p.2). Por conseguinte, a compatibilidade entre construções de línguas distintas poderia causar o entrincheiramento em uma delas após a ocorrência de contato.

Entretanto, para além das contribuições mais comumente abordadas, tais como as relacionadas ao léxico, à fonologia e à sintaxe, há diversas áreas passíveis de mudança ou variação decorrentes de contato linguístico:

A difusão e a complexidade do contato linguístico envolvem uma variedade de disciplinas linguísticas, incluindo linguística histórica, tipologia da linguagem, sociolinguística, teoria gramatical, aquisição de linguagem, pragmática e ciências cognitivas (psico- e neurolinguística) [...].⁸

Para esse estudo, interessa particularmente a possibilidade de transferência de fatores de ordem pragmática, por conta da relação entre essa disciplina e o objeto aqui analisado. No caso, o apagamento de objeto nas línguas bantas.

Ainda de acordo com a Gramática Cognitiva, não é possível estabelecer uma barreira fixa entre a pragmática e a semântica (LANGACKER, 2008, p.40), a qual constitui uma área mais prototípica de estudos em se tratando do contato linguístico. Assim, a teoria percebe a pragmática, bem como outras disciplinas linguísticas, como parte da gradação que está por trás do funcionamento da linguagem e que, ao mesmo tempo, pode ser definida enquanto área de estudo destacada de outras.

⁷the only elements ascribable to a linguistic system are (i) semantic, phonological, and symbolic structures that actually occur as parts of expressions; (ii) schematizations of permitted structures; and (iii) categorizing relationships between permitted structures. LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. New York: Oxford University Press. 2008, p.25

⁸The pervasiveness and complexity of language contact involves a range of linguistic disciplines including historical linguistics, language typology, sociolinguistics, grammatical theory, language acquisition, pragmatics, and the cognitive sciences (psycho- and neurolinguistics) [...]. ONYSKO, A. Reconceptualizing language contact phenomena as cognitive processes. In: ZENNER E, (ed.), BACKUS A, (ed.), WINTER-FROEMEL E, (ed.). *Cognitive Contact Linguistics. Placing usage, meaning and mind at the core of contact-induced variation and change*. Mouton de Gruyter, 2019, p.24.

Posta a variedade de transferências que pode ocorrer a partir de situações de contato, a escolha da Linguística Cognitiva de Contato como vertente teórica parece ser altamente apropriada para o objeto, visto que fenômenos de contato requerem uma abordagem que os forneça uma estrutura, sendo necessário descrever as unidades estruturais que são afetadas pelo contato, incluindo as mais abstratas. (BOAS; HÖDER, 2018 p. 10)

Sendo assim, esse quadro teórico é o que baseia a hipótese apresentada. A hipótese de que a variação na estrutura argumental no português brasileiro, no tocante ao apagamento do objeto direto, tenha sido motivada por contato linguístico. Tal idéia encontra respaldo na Gramática Cognitiva, considerando que a repetição do esquema [V+Ø] em situação de contato teria entrincheirado esse item, por meio da aprendizagem por parte da população escravizada, e, depois, a aquisição como L1, explicaria a facilidade do entrincheiramento do esquema da construção em gerações sucessivas.

CAPÍTULO II: O TRANSPORTE DAS LÍNGUAS BANTAS DA ÁFRICA AO BRASIL

A ambição é resultado das relações sociais entre o dominador e o dominado. Esse molde já era presente e prejudicial entre os habitantes nativos do continente africano, entretanto, a exportação e dominação por parte de conquistadores, como o povo português, potencializou os danos e a crueldade proporcionados pelo regime escravista.

As atividades envolvendo compra e venda de escravos eram altamente lucrativas, fazendo com que traficantes portugueses acumulassem fortunas e, em alguns casos, até mesmo títulos de nobreza em Portugal. Além disso, havia um reflexo econômico secundário, visto que a mão de obra provida pelos africanos importados era parte do crescimento de áreas cafeeiras e mineradas. Desse modo, o trabalho dos indivíduos escravizados era fonte de lucro para seus senhores.

O comércio de seres humanos como meras mercadorias se arrastou por um longo período e a importação era feita por diversos impérios, acrescentando a importante participação da colônia portuguesa instaurada na América do Sul nesse movimento desumanizador. O Brasil recebeu mais escravizados do que qualquer outra região no mundo. Entre os anos de 1750 e 1850, período no qual o tráfico de africanos teve seu ápice, 7.000 navios portugueses ou brasileiros aportaram carregando africanos destinados a viver em situação de escravidão. O Brasil passou a ocupar posição de maior destaque nesse processo após tornar-se independente de Portugal, o que ocorreu em 1822.⁹

É de amplo conhecimento o fato de que a escravidão deixou marcas na história brasileira e, a despeito de opiniões contrárias, continua influenciando o modo como o povo brasileiro é dividido social e economicamente. Contudo, o impacto cultural e linguístico da vinda dos povos africanos ao Brasil tem sido historicamente renegado e mesmo pejorado.¹⁰

Todavia, o pouco interesse prevalecente até tempos recentes. Poucos parecem se importar pela relação criada e acrescida ao Brasil Imperial quanto a presença massiva de

⁹ROSSI, A. Navios portugueses e brasileiros fizeram mais de 9 mil viagens com africanos escravizados. BBC, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45092235>

¹⁰A pejoração de palavras bantu no PB tem sido pesquisada por Magalhães (2018) e também pelo grupo GESP, especificamente pela bolsista Camille Pezzino (PIBIC/UFRJ), projeto coordenado pela professora Maria Lúcia Leitão de Almeida.

escravos falantes de línguas africanas, cuja não condiz com o número expressivo de imigrantes trazidos pelo comércio negreiro:

De acordo com Almeida (2014b), estima-se que, ao longo dos séculos de tráfico negreiro, 4.864.374 africanos tenham sido trazidos para o Brasil. Destes, 42,38% teriam sido traficados no século XIX. Ademais, cerca de 46,5% do total de escravizados teriam desembarcado no sudeste brasileiro. Dentre os que aportaram nessa região, 1.952.923 (86,26%) vieram da África Centro-Occidental. Tendo sido o Rio de Janeiro o principal porto das Américas no século XIX, não é de se estranhar que, na região vital para a cultura cafeeira, a população fluminense fosse formada majoritariamente por escravos, chegando a 70% da população total. Destes, 74% eram africanos ilegalmente escravizados provindos principalmente da África Central.¹¹

Como demonstrado acima, o contingente de africanos trazidos ao Brasil Imperial pelo tráfico negreiro é massivo. O desenvolvimento da cafeeira na região do Vale do Paraíba gerou uma maior demanda de mão de obra barata, o que levou os comerciantes negreiros a importar mais africanos. Desse modo, a expansão cafeeira no Sudeste brasileiro somada à abertura dos portos fez com que o fluxo de entrada de escravizados chegasse a níveis sem precedentes na primeira metade do século XIX (ALMEIDA, 2014).

Assim, o regime escravista proporcionou um ambiente favorável ao contato linguístico e cognitivo entre os falantes europeus da língua portuguesa e os de línguas provenientes da África, tais como as de origem banta. A tentativa de estabelecer um paralelo do português com as línguas bantas em especial se dá por sua vasta presença no Centro-Sul do Brasil, em cujas senzalas “a língua de comunicação entre os cativos não seria um crioulo baseado na língua senhorial, o português, mas uma língua franca de base quimbundo-quicongo-umbundo.” (ALMEIDA, 2014).

OBJETO NULO NAS LÍNGUAS BANTAS

Inicialmente, é válido entender o que são línguas bantas. Essas são as línguas que integram a família linguística bantu. O conjunto, cujo número de línguas componentes estima-se estar entre 500 e 680 (VAN DER WAL, 2015), é denominado a partir de seu próprio léxico, dado que bantu é o plural do vocábulo muntu, que significa povo. Esse termo foi

¹¹Apud: MAGALHÃES, A. S. Pejoração e constituição do léxico do português brasileiro: um estudo semântico acerca de bantuísmos na interface da Análise Dialógica do Discurso e da Linguística Cognitiva. Relatório de Pesquisa (Pós-Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes, 2018.

proposto por Wilhelm Bleek, autor de *Comparative Grammar of South African Languages*, em 1856, para referir-se à família linguística que descobriu ao pesquisar línguas sul-africanas (CASTRO, 2012). A família bantu é identificada como pertencente ao grupo benue-congo Oriental da família Níger-congo (BOSTOEN, 2013) e, segundo Peter (2015), “as línguas do grupo são fortemente relacionadas” (p.56). Deve-se também acrescentar que ainda há um número considerável de línguas bantas a serem documentadas e receberem uma descrição linguística completa (VAN DER WAL, 2015).

As comunidades nas quais foram originadas as línguas bantas estão localizadas no continente africano, ao sul de uma linha imaginária que se inicia na Nigéria e passa pelos territórios: República Centro-Africana, República Democrática do Congo, Uganda e Quênia, indo até ao leste, no sul da Somália. A maior parte das comunidades linguísticas encontradas nesse trecho da África são bantas, com exceção de alguns bolsões ao sul, nordeste e ao longo e dentro da fronteira norte. Os grupos falantes de línguas bantas são originários de 27 países africanos, tais como: Camarões, Moçambique, Sudão e África do Sul (NURSE; PHILIPPSON, 2006, p.1).

Sendo assim, pode-se entender que as línguas bantas têm vasta presença no continente africano — como se pode observar no trecho abaixo —, fator que por si só já tornaria muito provável a vinda de falantes dessa língua no processo de importação escravista, considerando que grande parcela do povo africano é falante de línguas integrantes de tal família, conforme pode ser constatado:

De cerca de 750 milhões de africanos (Times Atlas 1999), a publicação mais recente (GRIMES, 2000, [...]) estima que aproximadamente 400 milhões de pessoas falam línguas níger-congo, das quais cerca de 240 milhões são falantes de bantu, cerca de um em cada três africanos.¹²

Essas línguas faziam parte da identidade de grande parte dos escravizados trazidos ao Brasil. Portanto, os falantes dessas línguas deixaram suas pegadas registradas no percurso da língua portuguesa brasileira:

[...] o papel dos falantes como modeladores de estruturas linguísticas por meio de suas atividades comunicativas, enquanto as formas como falam também indexam suas histórias sociais e associações étnicas. São os falantes que viajam para novos lugares, levam consigo seus idiomas e frequentemente entram em contato com

¹² Of some 750 million Africans (Times Atlas 1999) the most recent publication (Grimes 2000, also pc) estimates that around 400 million people speak Niger-Congo languages, of whom some 240 million are Bantu-speakers, roughly one African in three. NURSE, D., PHILIPPSON, G. Introduction. In: _____. *The Bantu Languages*. Taylor & Francis e-Library, 2006. p. 1

populações que falam outros idiomas. No caso posterior, eles negociam qual idioma (variedade) usar e em que ocasião.¹³

Van der Wal (2015) ressalta que a pesquisa na linguística banta tradicionalmente é concentrada no estudo da morfofonologia, tonologia e linguística histórica. Sendo assim, as análises no nível sintático não são pontos focais em muitas das gramáticas descritivas produzidas. Entretanto, a sintaxe banta consiste em uma área de pesquisa crescente, com fenômenos que apresentam potencial influência nas discussões teóricas do ramo e, embora a família bantu seja composta de línguas com características diversas, algumas generalizações podem ser apontadas em relação à morfossintaxe.

Uma característica importante das línguas da família bantu, em geral, é a classificação aglutinante, que faz com que as marcas sintáticas sejam atribuídas a partículas específicas para classes de nominais, verbos e outros itens e funções lexicais. O caráter aglutinante que marca essas línguas implica alguns pontos secundários.

Um deles é a discriminação de nomes em classes nominais por meio de partículas. Cada uma dessas classes, designadas por numerais, refere-se a características semânticas partilhadas pelos componentes por elas subsumidos. É possível identificar a classe à qual cada substantivo pertence por meio do prefixo correspondente à classe nominal que o abarca; este pode ser identificado no substantivo em si e na concordância de outros elementos do sintagma nominal e da oração com o nome em questão. (VAN DER WAL, 2015, p.2).

As línguas bantas disponibilizam diversos níveis de exposição de objetos para os falantes. Segundo Bearth (2006, p. 123), “além da especificação lexical completa e a anáfora, a sintaxe banta geralmente admite uma terceira opção: a sub-especificação do objeto. Dependendo do verbo em particular, o objeto pode ser explicitado ou inespecificado”¹⁴.

Assim, de acordo com o trecho acima, a sintaxe das línguas bantas permite a explicitação de objetos, acompanhados por marcadores de objeto; anáfora, operada por meio de partículas que marcam a relação do objeto apagado e do verbo ao qual esse está relacionado; e, ainda, a inespecificação dos objetos, com o apagamento do objeto bem como

¹³ Overall, most of the chapters underscore the role of speakers as shapers of linguistic structures through their communicative activities, while the ways they speak also index their social histories and ethnic memberships. It is the speakers who travel to new places, taking their languages with them, and often come in contact with populations speaking other languages. In the latter case, they negotiate which language (variety) to use and on which occasion. FISHMAN, J. Who Speaks What Language to Who and When. *La Linguistique* 2: 67-68.1965 apud MUFWENE, S.S. Population movements, language contact, linguistic diversity, etc.” Postscript. In: *Tracing language movement in Africa*, ed. By Ericka A. Albaugh & Kathryn M. de Luna, 387-414. Oxford University Press. 2018, p. 388.

¹⁴In addition to full lexical specification and anaphora, Bantu syntax generally admits a third option: object underspecification. Depending on the particular verb, the object may be expressed or left unspecified. (NURSE; PHILIPPSON, 2006. p. 123).

de seu marcador gramatical. A expressão ou não de argumentos depende do verbo a que esse objeto se refere, mais especificamente à valência do verbo, isto é, às suas propriedades léxico-semânticas inerentes. (p. 122).

Para compreender melhor o funcionamento da sintaxe banta, analisemos os exemplos abaixo, providos por Bearth (2006, p.123; 124):

- | | | | |
|-----|----------------|---------------|------------------------|
| (7) | Na≠taka | Ku≠ao | ‘I want to marry.’ |
| | (1s-)PROG≠want | INF≠marry | |
| (8) | Na≠taka | Kub-mw≠ao | ‘I want to marry her.’ |
| | (1s-)PROG≠want | INF-cl1≠marry | |

Em ambos (7) e (8), a partícula *na* inicia a sentença, indicando a primeira pessoa do singular e o aspecto progressivo do verbo expresso a seguir, *taka* (querer). A diferença entre os exemplos se dá na estrutura argumental do verbo *ao* (casar), ao passo que embora ambos sejam precedidos pela partícula *ku*, indicador de infinitivo, apenas o exemplo (8) é precedido pelo marcador *mw*, que indica a classe nominal 1(cl1), designando o conteúdo semântico de *ser humano*, em oposição ao (7), cujo objeto foi apagado. Desse modo, a sentença expressa em (7) é o que demonstra o apagamento do objeto direto em um verbo cuja transitividade demanda-o.

Segundo o autor, a omissão do objeto e seu marcador gramaticalmente opcional não se dá devido ao conhecimento prévio ou à capacidade de o interlocutor recuperar a informação oculta a partir de informação contextual. A motivação para o apagamento indicada na obra é a intenção de focar a ação expressa pelo verbo, destacando-a como a parte principal do enunciado.

Dessa maneira, a subespecificação do objeto — ou redução argumental, como também é chamada — seria um recurso que tem como propósito expandir o escopo de opções para apresentar situações ou conjuntos de circunstâncias de maneira seletiva (BEARTH, 2006).

Pode-se afirmar que esse recurso se alinha com uma das máximas conversacionais propostas por Grice (1975), recaindo na categoria de quantidade:

A máxima da quantidade

- (i) Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto for exigido para os presentes fins do intercâmbio

(ii) Não faça com que sua contribuição seja mais informativa do que é exigido.¹⁵

Ao ocultar o paciente da ação verbal, o falante retira a informação que julga ser excessiva para seu interlocutor, optando por dizer apenas o que considera importante no intercâmbio em questão. Assim sendo, a ausência do objeto no exemplo abordado em (7) seria atribuída à percepção do falante de que a pessoa com quem ela ou ele se casaria é irrelevante para a situação comunicativa corrente; essa escolha, por conseguinte, torna a ação expressa pelo verbo o foco da sentença.

O autor (BEARTH, 2006, p. 124) afirma ainda que “caso a intenção do falante fosse recuperar o referente, o complemento seria obrigatoriamente representado por um prefixo de objeto”¹⁶. Por conseguinte, já não teríamos um apagamento completo e sim um caso de anáfora, o que reforça a razão por trás do apagamento: uma ordem pragmática.

OBJETO NULO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O apagamento de objeto – fenômeno conhecido como objeto nulo – no português do Brasil já foi apontado e estudado anteriormente. Segundo Cavalcante e Figueiredo (2009, p. 90), “a realização do objeto direto é [...] um dos fenômenos que mais claramente diferenciam o português brasileiro do europeu, tendo merecido bastante atenção na literatura (cf. DUARTE, 1986; GALVES, 1989; CYRINO, 1997; FIGUEIREDO, 2004; entre outros)”. Ainda de acordo com os autores, o objeto nulo aparentemente foi desenvolvido e generalizado na fala dos brasileiros antes que o pronome forte fosse implementado, “sendo, provavelmente, a verdadeira estratégia crioulizante do PB”. (CAVALCANTE; FIGUEIREDO, 2009, p. 118).

Levando em conta que essa diferença entre as variedades do português poderia ser explicada pelas divergências entre os percursos sócio-históricos de cada língua, o complemento verbal no português brasileiro parece ser um objeto de estudo interessante para a Linguística Cognitiva de Contato.

Em um estudo diacrônico sobre o tópico, Cyrino (1994, p. 3) destaca que os objetos nulos podem ser encontrados em dados que datam desde a chegada da língua portuguesa ao Brasil, no século XVI, e o que é percebido é “um aumento de objetos nulos através do tempo”. É possível observar isso na tabela abaixo, a qual foi elaborada para esse trabalho a

¹⁵LEVINSON, S. A teoria da implicatura de Grice. In: _____. Pragmática. São Paulo: Livraria Editora WMF Martins Fontes, 2007. p. 127.

¹⁶ “If referent retrieval was the speaker's intention, the complement would obligatorily be represented by an object prefix.” (BEARTH, 2006, p. 124).

partir dos dados encontrados por Cyrino em relação ao surgimento de objetos nulos no português brasileiro:

Distribuição de objetos nulos vs. preenchidos (CYRINO, 1994)¹⁷

Século	Objetos Nulos	Objetos Preenchidos
XVI	10.7%	89.3%
XVII	12.6%	87.4%
XVIII	18.5%	81.5%
XIX	45.0%	55.0%
XX	79.1%	20.9%

A partir da observação dos dados, é possível ver que a ocorrência de objetos nulos e de objetos preenchidos, respectivamente, aumentam e diminuem significativamente a partir do século XIX, período no qual um grande número de falantes de línguas bantas foi trazido ao Brasil. Tal informação indica que a interação Portugal-África teve importante destaque no Brasil, podendo ter motivado a ampliação da frequência do apagamento de objetos em produções em português brasileiro.

À vista disso, assume-se que:

as marcas do português falado como segunda língua [...] pelos africanos penetraram no português que foi sendo adquirido como primeira língua [...] pelos nascidos no Brasil e, por extensão, que essas mesmas marcas encontraram um cenário propício a sua difusão por entre variedades emergentes do português brasileiro.¹⁸

A possibilidade de apagamento do objeto direto, estrutura compartilhada pelo português brasileiro e as línguas bantas, pode ter feito desse recurso uma opção mais frequente por parte dos escravizados em seu processo de aquisição da língua utilizada pelo povo dominante. Conforme Boas e Höder (2018, p. 22), esse compartilhamento não é limitado a estruturas completamente comuns a duas línguas, mas do mesmo modo, essa percepção pode ser aplicada a situações em que idiomas compartilham propriedades em níveis mais abstratos.

¹⁷ CYRINO, S. M. L. O Objeto nulo do português do Brasil: um estudo sintático-diacrónico. 1994. [227]f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, [SP]. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270355>, p. 169.

¹⁸ AVELAR, J. ; GALVES, C. M. C. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. Revista Linguística (Online), v. 30, 2014. p.244

Destarte, levantamos aqui a hipótese de que os falantes de línguas bantas como L1, ao adquirirem o português como L2, poderiam ter adotado o dispositivo do objeto nulo com mais frequência ao identificarem esse ponto em comum, na medida em que “o reconhecimento de similaridades entre unidades linguísticas de diferentes línguas é uma consequência do instinto humano de categorizar informações – nesse caso, isso significa formar relações baseadas em semelhanças percebidas em estruturas linguísticas.”¹⁹.

Portanto, pode-se elaborar que a elevação dos índices de produtividade da construção [V+Ø] no português brasileiro poderia ser compreendida como resultante de uma maior frequência de uso de um recurso que, de acordo com dados já apresentados, já ocorria antes, porém de forma menos expressiva.

Considerando a possibilidade de que a elevação nos índices de apagamento tenha ocorrido por conta de um uso mais frequente por parte dos escravizados, devido à semelhança encontrada entre L1 e L2, e que esse recurso tenha encontrado lugar para automação na sintaxe brasileira, ao ponto de ser integrado à língua aprendida pela L1 pelas gerações seguintes, seria possível supor que essa característica do português falado no Brasil pode ser fruto de contato linguístico.

Caberia, ainda, supor que essa possível transferência poderia ser um fenômeno relacionado à interface sintaxe-pragmática, considerando a motivação pragmática associada ao apagamento do objeto direto nas línguas bantas. Essa discussão é proposta dada a factibilidade da transferência de fatores pragmáticos em situação de contato linguístico, tendo como base também a possibilidade de entrincheiramento. Contudo, é importante ressaltar que qualquer afirmação aqui é uma hipótese a ser verificada em uma pesquisa diacrônica.

¹⁹ The recognition of similarities between linguistic units from different languages is a consequence of the human instinct to categorize information – in this case to form associative relations based on perceived similarities in the linguistic structures. ONYSKO, A. Reconceptualizing language contact phenomena as cognitive processes. In: ZENNER E, (ed.), BACKUS A, (ed.), WINTER-FROEMEL E, (ed.). Cognitive Contact Linguistics. Placing usage, meaning and mind at the core of contact-induced variation and change. Mouton de Gruyter, 2019, p.32.

ANÁLISE DE DADOS

Primeiramente, é válido ressaltar que na elaboração deste trabalho, lançamos mão da definição de objeto direto provida por Rocha Lima em sua Gramática Normativa da Língua Portuguesa, visto que essa se aproxima da concepção do termo apresentada em Nurse e Philippson (2006). Ambos apontam o objeto direto como o equivalente ao paciente da estrutura: “Objeto direto é o complemento que, na voz ativa, representa o paciente da ação verbal [...]. O objeto direto indica: a) o ser sobre o qual recai a ação [...]; b) o resultado da ação [...]; c) o conteúdo da ação [...].” (ROCHA LIMA, 2010, p.299).

Assim sendo, serão consideradas nessa análise inicial e qualitativa apenas as sentenças produzidas no discurso oral dos informantes, excluindo assim a fala dos entrevistadores, bem como todo o material escrito por informantes e entrevistadores. Esse recorte permite a seleção de trechos produzidos por falantes da região e, além disso, por conta da modalidade falada, há um discurso menos monitorado e um retrato mais fidedigno das mudanças linguísticas, haja vista seu caráter mais inovador.

As ocorrências expostas aqui foram analisadas em contexto. Como já foi citado anteriormente, a base de dados dessa pesquisa está em construção, portanto, nos ateremos ao material provido pelos informantes de Juiz de Fora no Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita. A escolha dessa região é justificada pelo histórico de importação massiva de escravizados para o Vale do Paraíba.

Buscou-se, dentre os possíveis casos, discriminar aqueles em que não há menção prévia do objeto ausente na fala dos entrevistados. Essa decisão diz respeito à verificação de presença ou ausência de motivação unicamente pragmática na ocorrência do objeto nulo, a fim de averiguar a que foi proposto por Bearth (2006) e exposto previamente: o apagamento do objeto seria resultante da máxima griceana de quantidade, e não de recuperação do discurso.

[...] O marcador de objeto gramaticalmente opcional não é omitido porque o falante assume que o ouvinte poderá recuperar a identidade de seu referente a partir de informações contextuais.[...] é um meio de limitar o que está sendo dito ao ponto principal [...] em conformidade com máxima conversacional de quantidade (Grice, 1975) [...].²⁰

²⁰ [...] the grammatically optional object marker is not omitted because the speaker assumes that the hearer will be able to retrieve the identity of its referent from contextual information.[...] it is a means of limiting what is being said to the main point [...] in compliance with the conversational maxim of quantity (Grice 1975) [...].BEARTH, T. Syntax. In: NURSE, D., PHILIPPSON, G. The Bantu Languages. Taylor & Francis e-Library, 2006. p.123.

Levando em consideração esses aspectos, seguem os achados dessa observação primária:

Dentro do escopo de análise supracitado, foram identificadas ocorrências de apagamento de objeto direto. Apesar de não se tratar de uma análise quantitativa, foi observado que os casos mais frequentes foram aqueles causados por menção prévia ao referente da sentença em questão. Nas ocorrências elencadas abaixo, é possível observar o apagamento de um referente que é introduzido no discurso antes do verbo envolvido no processo e, por conseguinte, antes do apagamento.

Seguem exemplos selecionados e suas respectivas análises:

1. Apagamento de objeto direto em sentenças com referência anafórica

- a) [...] eu fico duas horas com o creme na cara... aí depois eu... eu tiro o creme... assim... passo um/ **lavo** a **cara**... assim... com água morna... também todo um ritual... para esquentar a água... põe na baciinha... vou **lavando** [Ø]...

(Informante 9, p.39)

- b) [...] aí eu pego o **bife**... eh... **boto** [Ø] dentro da panela... acendo o fogo e fico lá **mexendo** [Ø]...

(Informante 14, p. 58)

Em (1a), a informante omite o referente “cara” após o verbo “lavando”. É interessante ressaltar que, nesse caso, dois outros núcleos verbais são postos entre a primeira menção de “cara” (enquanto objeto do da ação de “lavar”) e o sintagma verbal em que ocorre o apagamento. Entretanto, mesmo com um afastamento maior entre o nome e o verbo, é feita uma opção pelo apagamento. Pode-se, então, especular que a repetição do referente foi considerada desnecessária na ocasião, visto que esse, quando introduzido, já acompanhava o mesmo verbo.

Enquanto isso, no apagamento em (1b), o objeto dispensado após os verbos “boto” e “mexendo” é o nome “bife”. Diferente de (1a), o objeto direto apagado não acompanha tais verbos em menção anterior. Contudo, o excerto ilustra que os dois verbos sem objeto partilham o mesmo referente, visto que são etapas de um mesmo processo: cozer um alimento. Além disso, há um número menor de vocábulos entre os verbos e o referente que partilham, o que pode tornar uma recuperação pelo contexto discursivo mais fácil para os interlocutores, o que potencializaria as possibilidades da realização desses objetos nulos.

2. Apagamento de objeto direto em sentenças sem referência anafórica

- a) [...] depois de ionizar essa substância... essa substância vai **cicatrizar**[Ø]... e vai ajudar a não dar mais cravo nenhum...

(Informante 1, p.3)

- b) [...] eu ajudei muitas pessoas... carentes... com problemas assim... porque... **esperar** [Ø] do governo () elas estão totalmente desamparadas... eles fazem de tudo pra **complicar**[Ø]...

(Informante 2, p.8)

As ocorrências de objeto direto nulo em (2a) e (2b) não apresentaram um referente anterior nos discursos de que foram retiradas. Em (2a), o domínio lexical de “cicatrizar”, somado ao uso de termos como “cravo” e “substância”, favorece uma interpretação não figurativa do processo de cicatrização, da qual é possível deduzir que a substância em questão auxiliaria na cicatrização de alguma lesão ou ainda que a substância cicatrizaria a pele. Sendo assim, a possibilidade de depreensão dos vocábulos candidatos à posição de objeto direto de “cicatrizar” sem menção prévia pode ter sido a motivação para a omissão desse argumento.

Já no exemplo (2b) “esperar [Ø] do governo” abre um leque de possibilidades para a posição, tais como “auxílio”, “iniciativa”, “ação”. Infere-se que o que é esperado é algo que beneficie as pessoas carentes mencionadas no relato. O verbo “complicar”, cuja realização no exemplo também aponta um apagamento de objeto direto, poderia ter como referente “as coisas”, “o problema” ou “a vida”; mesmo com a ausência de um vocábulo ocupando tal

posição, é possível chegar à conclusão de que algo relativo a uma situação em curso é complicado.

Nos exemplos em que os referentes não são mencionados antes do registro do apagamento do objeto, o domínio lexical dos verbos em questão, juntamente com outros dados providos pelos falantes, permite a especulação de possíveis objetos. Isso pode ser explicado pela teoria fillmoreana de *frames*, que explicita que a língua pode ser utilizada para criar cenas e frames relativos às experiências prévias, envolvendo certas palavras ou expressões e capacitando indicar ou até mesmo construir um contexto a partir dos dados providos por seus falantes. (EVANS; GREEN, 2006, p. 11). Como tais inferências estão disponíveis para os interlocutores, pode-se cogitar aqui a atuação da máxima de quantidade sobre as sentenças, restringindo informações que poderiam ser recuperadas pelo contexto.

Considerando os dados fornecidos nessa pequena amostra, é possível afirmar que as ocorrências elencadas constituem uma possível evidência para a hipótese do contato, haja vista o rastreamento do apagamento do objeto direto no português falado no Vale do Paraíba tal qual é realizado na sintaxe banta. A constatação de ocorrências como as expostas em (2a) e (2b), nas quais não há retomada anafórica, sinaliza a viabilidade da hipótese proposta acerca do contato envolvendo fatores pragmáticos.

RESULTADOS

As leituras feitas até o momento apontam para uma relação entre o aumento de apagamento de objeto direto e o aumento de substrato bantu, visto que ambos foram intensificados no século XIX. Também foi verificada a ocorrência desse fenômeno em áreas em que houve contato entre o português brasileiro no início de sua constituição e as línguas bantas, ou mesmo a língua franca com base quicongo-quimbundo-umbundo, pela qual os cativos estabeleciam sua comunicação.

No presente momento, o *corpus* para o prosseguimento das análises da pesquisa está em formação. Entretanto, em análise preliminar, foram identificadas ocorrências do apagamento de objetos diretos na fala da região do Vale do Paraíba. Dentre essas análises, além do apagamento relacionado a uma menção prévia no discurso, foram identificados exemplos nos quais o objeto nulo não tinha nenhum referente mencionado no momento da entrevista, o que sinaliza um apagamento puramente pragmático.

Tomando esses dados como base, é possível considerar que há uma similaridade na interface sintaxe-pragmática das línguas bantas e do português brasileiro. Esses achados parecem fomentar a hipótese de entrincheiramento do padrão de objeto nulo pela comunidade de escravizados, o que indicaria um processo atuante entre falantes, línguas, culturas e cognições, num território multilinguístico. Nesse cenário, a presumida reprodução da propriedade que consta na L1 no uso da L2 teria permitido o aprofundamento da produtividade do objeto nulo no português brasileiro.

CONCLUSÃO

O fenômeno do apagamento do objeto direto foi constatado tanto na produção de línguas bantas, conforme apontado pelo material provido por Bearth (2006) e Van der Wal (2015), como nos discursos produzidos na língua portuguesa brasileira, conforme demonstrado pelo *corpus* analisado, ao lado de diversos trabalhos anteriores que atestam esse fator na sintaxe do português brasileiro. A semelhança supracitada pode ser resultante de um contato entre os falantes e suas diferentes línguas e cognições, considerando que o modo como se conceptualiza o mundo e as atividades que tomam lugar nele são em parte associadas à língua que é empregada nos eventos comunicativos.

Apresentamos como dispositivo teórico para uma melhor compreensão desse provável contato e suas repercussões a Linguística Cognitiva de Contato e a Gramática Cognitiva. Lançando mão do conhecimento produzido pelas vertentes supracitadas, pode-se afirmar que a explicação para tal fenômeno pode consistir em um aumento nas realizações por conta do postulado entricheiramento, proposto por Langacker dentre os postulados da Gramática Cognitiva, o qual dá conta da assimilação do padrão estabelecido pela estrutura [V+Ø] devido à constante reprodução dessa construção por parte dos falantes de línguas bantas como L1 que, no processo de aquisição da língua falada pelos habitantes do Brasil colônia como L2, podem ter priorizado a omissão de objetos, considerando o fato de esse padrão esquemático existir em línguas bantas que aqui estiveram e também no português brasileiro.

Os dados retirados da análise de Cyrino (1994) sinalizam a possibilidade de um contato, dada a convergência do aumento de ocorrências de objeto nulo e o aumento do número de escravizados no mesmo período. A identificação do apagamento de objeto direto no *corpus* coletado em Juiz de Fora acirra a hipótese do contato e, considerando a ocorrência do apagamento dentro do escopo da motivação pragmática, pode-se cogitar um contato na esfera pragmática também. Essas são possíveis evidências para a hipótese de que o contato interlinguístico teria interferido na produção do objeto direto no português brasileiro.

Também seria possível propor uma abordagem um pouco mais radical ao considerar que a situação de contato descrita no trabalho teria instaurado tal estrutura no português brasileiro. Entretanto, registros do apagamento de objetos datando do século XVIII, época em que o tráfico negreiro era iniciado no Brasil, podem ser um indicativo de que tal uso já ocorria na língua antes do contato com as línguas pertencentes ao grupo africano, visto que o registro

de objetos nulos na modalidade escrita da língua pode ser interpretado como um reflexo de uma mudança já consolidada há certo tempo na língua falada.

É importante ressaltar que essa pesquisa apresenta uma dificuldade básica, que é a de lidar com um fenômeno de contato linguístico diacrônico no contexto da escravidão e de períodos sucessivos. Soma-se a isso, a dificuldade de se conseguir documentos, registros, fontes históricas fidedignas para a obtenção de dados. Além disso, há certa carência quanto um maior número de estudos diacrônicos no português brasileiro referindo esse transplante da língua europeia. No entanto, tais dificuldades devem ser enfrentadas e fazem parte da ciência linguística, especialmente, em pesquisas de caráter histórico.

No curso dessa monografia, foram levantadas algumas hipóteses e possíveis evidências da atuação do contato linguístico em relação ao apagamento do objeto direto. Contudo, conforme foi afirmado anteriormente, um trabalho mais aprofundado e amplo faz-se necessário para o prosseguimento da pesquisa, que inclui o aumento da base de dados para análise, além de uma análise em cotejo com português europeu *a posteriori*, a fim de reunir evidências de que as duas variedades da língua diferem no que diz respeito à realização dos objetos diretos, conforme apontado por Cavalcante e Figueiredo (2009).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M.A.L. de. Ladinos e boçais: o regime de línguas do contrabando de africanos (1831-c.1850). Dissertação de mestrado em História social. Campinas: UNICAMP, 2012.
- ALMEIDA, M. A. L. Tráfico de africanos para o Brasil. In: LIMA, I. S. ; CARMO, L.(Org.) História Social da Língua Nacional 2– Diáspora africana. Rio de Janeiro: NAU, 2014.
- AVELAR, J. ; GALVES, C. M. C. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. Revista Linguística (Online), v. 30, 2014. p. 241-288
- BEARTH, T. Syntax. In: NURSE, D., PHILIPPSON, G. The Bantu Languages. Taylor & Francis e-Library, 2006. p.121-142.
- BOAS, H. C.; HÖDER, S. Construction Grammar and language contact: An introduction. In: Constructions in Contact: Constructional perspectives on contact phenomena in Germanic languages. John Benjamins Publishing Company. 2018. p. 5-36
- BOSTOEN, K. Wildtrees in the subsistence economy of early Bantu speech communities: a historical-linguistic approach. In: C. J. Stevens, S. Nixon, M. A. Murray, & D. Q. Fuller (Eds.), Archaeology of African plant use. Walnut Creek, CA, USA: Left Coast Press. 2014. p.129–140
- CASTRO, Y. P., Prefácio - Renato Mendonça e “A influência africana no português do Brasil”, um estudo pioneiro de africanias no português brasileiro. In MENDONÇA, R. A influência africana no português do Brasil. Apresentação de Alberto da Costa e Silva, prefácio Yeda Pessoa de Castro. Brasília: FUNAG, 2012. p.15-27
- CAVALCANTE, R.; FIGUEIREDO, C. Complementos verbais diretos e dativos. In: LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson (Orgs.). Africa à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 90-137
- CYRINO, S. M. L. O Objeto nulo do português do Brasil: um estudo sintático-diacrónico. 1994. [227]f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, [SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270355>. Acesso em: 2 dez. 2019.
- EVANS, V.; GREEN, M. Cognitive Linguistics. An. Introduction. Edinburgh University Press. 2006

- GEERAERTS, D. Prospects for the past: Perspectives for cognitive diachronic semantics. In: *Cognitive Linguistics Research [CLR]: Historical Cognitive Linguistics*. Winters, Margaret E., Tissari, Heli, and Allan, Kathryn, eds. Berlin/Boston, DE: De Gruyter Mouton, 2011. 333-356.
- GRICE, H. P. *Logic and Conversation*. In: *Syntax e Semantics. Vol 3. Speech Acts*. (eds). Peter Cole & Jerry L. Morgan. Academic Press. New York. 1975
- LANGACKER, R. W. Culture, cognition, and grammar. In *Language Contact and Language Conflict*. (Org.) Martin Pütz. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1994. p. 25-53
- LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. New York: Oxford University Press. 2008
- LANGACKER, R. W. *Investigations in cognitive grammar* (Vol. 42). Walter de Gruyter. 2009
- LEITÃO DE ALMEIDA, M. L. *A contribuição de línguas africanas à formação do português brasileiro: línguas e cognições em contato*. Rio de Janeiro: UFRJ/CNPq, 2018. (Projeto integrado de pesquisa).
- LEITÃO DE ALMEIDA, M. L.; PINHEIRO, D.; SOUZA, J. L. de; NASCIMENTO, M. J. R. ; BERNARDO, S. Breve introdução à Linguística Cognitiva. In: LEITÃO DE ALMEIDA, M. L; FERREIRA, R. G.; PINHEIRO, D. O. R. SOUZA, J. L.; GONÇALVES, C. A. V. (Org.). *Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2010. p. 15-50.
- LEVINSON, S. A teoria da implicatura de Grice. In: *Pragmática*. São Paulo: Livraria Editora WMF Martins Fontes, 2007. p. 125-146.
- LUCCHESI, D. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I., orgs. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41-73.
- MAGALHÃES, A. S. *Pejoração e constituição do léxico do português brasileiro: um estudo semântico acerca de bantuísmos na interface da Análise Dialógica do Discurso e da Linguística Cognitiva*. Relatório de Pesquisa (Pós-Doutorado em Letras Vernáculas) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes, 2018.

MENDONÇA, R. A influência africana no português do Brasil. Apresentação de Alberto da Costa e Silva, prefácio Yeda Pessoa de Castro. Brasília: FUNAG, 2012.

MUFWENE, S.S. "Population movements, language contact, linguistic diversity, etc." Postscript. In: Tracing language movement in Africa, ed. By Ericka A. Albaugh & Kathryn M. de Luna,. Oxford University Press. 2018, 387-414

NURSE, D., PHILIPPSON, G. Introduction. In: _____. The Bantu Languages. Taylor & Francis e-Library, 2006. p. 1-12

ONYSKO, A. Reconceptualizing language contact phenomena as cognitive processes. In: ZENNER E, (ed.), BACKUS A, (ed.), WINTER-FROEMEL E, (ed.). Cognitive Contact Linguistics. Placing usage, meaning and mind at the core of contact-induced variation and change. Mouton de Gruyter, 2019.

PETER, M. Introdução à linguística africana. São Paulo: Contexto, 2015.

ROCHA LIMA, C. H. Gramática normativa da língua portuguesa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROSSI, A. Navios portugueses e brasileiros fizeram mais de 9 mil viagens com africanos escravizados. BBC, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45092235>. Acesso em: 15 jan. 2020

SLENES, R.W. A Importância da África para as Ciências Humanas em História Social, n. 19. 2010. disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/314>. Acesso em: 15 jan. 2020

TEYSSIER, Paul. História da língua portuguesa. Lisboa: Sá da Costa, 1994.

VAN der WAL, J. Bantu Syntax. In: Oxford Handbooks Online. 2015. Disponível em <https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935345.001.0001/oxfordhb-9780199935345-e-50>. Acesso em: 10 jan. 2020.

VOTRE, S.; DE OLIVEIRA, M. R. A língua falada e escrita na cidade de Juiz de Fora. Disponível em: https://discursoegramatica.files.wordpress.com/2016/02/juiz_de_fora.pdf. Acesso em: 3 jan. 2020.

ZENNER E, (ed.), BACKUS A, (ed.), WINTER-FROEMEL E, (ed.). Cognitive Contact Linguistics. Placing usage, meaning and mind at the core of contact-induced variation and change. Mouton de Gruyter, 2019.

ANEXOS

Distribuição de objetos nulos vs. preenchidos (CYRINO, 1994)

Século	Objetos Nulos	Objetos Preenchidos
XVI	10.7%	89.3%
XVII	12.6%	87.4%
XVIII	18.5%	81.5%
XIX	45.0%	55.0%
XX	79.1%	20.9%

Tabela elaborada pela autora a partir dos dados percentuais providos em “Tabela 1 - Distribuição de posições nulas vs. preenchidas” (CYRINO, 1994, p. 169), disponível em:

CYRINO, S. M. L. O Objeto nulo do português do Brasil: um estudo sintático-diacrónico. 1994. [227]f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, [SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270355>, Acesso em: 2 dez. 2019. p. 169

FOLHA DE AVALIAÇÃO

AMANDA SOUZA SANTOS RODRIGUES

DRE: 114054761

O APAGAMENTO DO OBJETO DIRETO NO PB SOB A ÓTICA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA DE CONTATO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na
habilitação Português/ Inglês.

Data de avaliação: ____/ ____/ ____

Banca Examinadora:

_____ NOTA: _____

Nome completo do Orientador – Presidente da Banca Examinadora Prof. + titulação +
instituição a que pertence

_____ NOTA: _____

Nome completo do Leitor Crítico Prof. + titulação + instituição a que pertence

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores:
